

O papel da mesclagem conceptual na construção do significado do angulador *um tipo de*

Angelina Aparecida de Pina

Recebido 15, jun. 2006/Aprovado 15, ago. 2006

Resumo

*Baseado na teoria dos espaços mentais, o principal objetivo deste artigo é verificar o papel que a mesclagem conceptual desempenha na construção do significado do angulador do português **um tipo de**. Analisando sentenças contendo esse angulador, é possível concluir que o significado de **um tipo de** depende da mesclagem conceptual que ele incita: um mapeamento entre um espaço 'input' (entidade) e um outro espaço 'input' (categoria / membro mais prototípico de uma categoria), um espaço genérico, uma projeção parcial para o espaço mescla (a entidade, a categoria / membro mais prototípico de uma categoria e algumas propriedades partilhadas) e uma estrutura emergente (categoria flexível / hiperonímia).*

*Palavras-chave: angulador **um tipo de**; mesclagem conceptual; construção do significado.*

1. Introdução

Tomando por base a teoria dos espaços mentais, este artigo pretende verificar o papel que a mesclagem conceptual desempenha na construção do significado do angulador do português *um tipo de*, em sentenças como “*A baleia é um tipo de peixe*” e “*O órgão é um tipo de piano*”.

A teoria dos espaços mentais fornece um modelo para investigar a interação entre conexões cognitivas e a linguagem. Segundo Fauconnier & Sweetser (1996, p. 8), as conexões cognitivas desempenham um papel central na semântica e, de modo mais geral, na organização do pensamento.

No modelo de espaços mentais, a construção do significado e o valor das formas lingüísticas dependem de três operações básicas (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6):

- (1) Identidade: reconhecer semelhanças e diferenças, isto é, estabelecer identidade e oposição.
- (2) Integração: realizar integração (*mesclagem*) conceptual, que tem estrutura elaborada, propriedades dinâmicas e restrições operacionais.
- (3) Imaginação: o produto da integração conceptual é sempre imaginativo e criativo.

Essas complexas operações são realizadas inconscientemente e ativadas na mente através de formas lingüísticas. Em outras palavras, “as formas lingüísticas são instruções (parciais e subdeterminadas) para construir *domínios interconectados* com estrutura interna.” (FAUCONNIER, 1997, p. 35, grifos do autor)

Portanto, este artigo tem como principais hipóteses:

- (a) A linguagem reflete aspectos e mecanismos da cognição humana;
- (b) A escassez do significante é inerente à linguagem;
- (c) A mesclagem conceptual é uma operação mental básica que determina a construção do significado;
- (d) A impossibilidade de uma análise composicional do angulador *um tipo de* decorre da estrutura elaborada na mescla;
- (e) O angulador *um tipo de* promove mesclas conceptuais, a fim de flexibilizar fronteiras categoriais e suspender condições de verdade.

O artigo está organizado da seguinte forma: Na Seção 2, será apresentada uma breve revisão da literatura sobre anguladores. Na Seção 3, serão explicados, de modo simples e conciso, a teoria dos espaços mentais e seus avanços mais recentes. Na Seção 4, serão analisados três exemplos contendo *um tipo de*, a fim de explicitar o papel decisivo que a mesclagem conceptual desempenha na construção do significado. Na Conclusão, serão expostas as principais conclusões do estudo.

2. Anguladores: breve revisão da literatura

O assunto “anguladores” (*hedges*) foi introduzido nas investigações lingüísticas por Lakoff (1972). O autor não estava interessado no valor comunicativo do emprego de anguladores, mas preocupado com as propriedades lógicas de palavras e sintagmas como *rather*, *largely*, *a kind of*, e *loosely speaking*, em sua habilidade para tornar os significados “mais imprecisos ou menos imprecisos”. Como define o autor (LAKOFF, 1972, p. 195), o significado dos anguladores “implicitamente envolve imprecisão (*fuzziness*)”.

Do ponto de vista da cognição, em uma pesquisa centrada em protótipos semânticos, Rosch (1978) afirma que os anguladores são mecanismos lingüísticos para “codificar” gradações de pertencimento categorial. Sob essa perspectiva, a formulação de conceitos na comunicação diária requer o emprego de anguladores porque conceitos (ex. ‘peixe’) evocam imagens prototípicas em nossas mentes, de sorte que é necessário marcar seus representantes menos prototípicos. Isto é, se marcamos um conceito com um angulador, não nos referimos a um representante prototípico da classe, mas a um representante não-prototípico. Portanto, uma sentença como *A baleia é um tipo de peixe* é aceitável, uma vez que o angulador *um tipo de* flexibiliza as fronteiras da categoria ‘peixe’ (focalizando apenas características periféricas, como tem *habitat* aquático, tem nadadeiras, etc.), permitindo que a baleia seja incluída nessa categoria.

Segundo Kay (1997), na sentença *Amplamente falando, o primeiro homem nasceu no Quênia*, o angulador *amplamente falando* suspende as condições de verdade do enunciado, na medida em que, na cadeia evolucionária, o primeiro homem teria sido diferente do homem moderno e, na configuração geopolítica do mundo, não havia o Quênia.

Ao longo dos anos, o conceito de angulador foi sendo ampliado, especialmente desde de que foi adotado por pragmatistas. Nos dias de hoje, o termo não se restringe apenas a expressões que modificam o pertencimento de um predicado ou sintagma nominal a uma categoria. Em pragmática, os anguladores modificam o valor de verdade da proposição inteira, em vez de tornar mais imprecisos os elementos individuais da proposição (cf. FRASER, 1975; VANDE KOPPLE, 1985; MARKKANEN; SCHRÖDER, 1992; CLEMEN, 2002; entre outros), ou modificam o grau de comprometimento do falante/escritor com relação à verdade da proposição, instanciando modalidade epistêmica (cf. PALMER, 1988), ou servem a propósitos de polidez para preservação de face (cf. BROWN; LEVINSON, 1987).

Tomando como fundamentação teórica os pressupostos básicos da lingüística cognitiva, Almeida (1999, 2004) vem se dedicando a caracterizar os anguladores como construções

gramaticais que formam uma categoria funcional híbrida, realizada por elementos provenientes de diferentes classes lexicais (adjetivos, advérbios, locuções prepositivas e adverbiais, verbos, orações reduzidas e desenvolvidas).

Tendo em vista as diferenças morfológicas e sintáticas dos anguladores, a autora trabalha com a noção de radialidade categorial, segundo a qual uma categoria pode ter elementos mais centrais (que expressam mais as propriedades da categoria) e elementos mais periféricos (que se afastam mais ou menos desse centro).

Ao investigar o funcionamento dos anguladores em português, a autora (1999, p. 135) descobre que um aspecto comum a todos os anguladores é o fato de “serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo”, introduzindo um comentário a respeito do item escapado.

São exemplos de anguladores do português: *uma forma de, um tipo de, praticamente, de um modo geral, estritamente falando, de certa maneira, em certos aspectos, ser de (se) V_{inf}*. (cf. PINA, 2004), etc.

3. Teoria dos espaços mentais

A teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER, 1997), desenvolvida à luz da lingüística cognitiva, tem como foco a interação entre estruturas lingüísticas e cognitivas. A compreensão, ou melhor, a construção do significado é operada por mapeamentos entre domínios cognitivos localmente estruturados, que se denominam *espaços mentais*. Eles são dinâmicos, no sentido de que, “à medida que pensamos e falamos, espaços mentais são construídos, estruturados e conectados sob a pressão da gramática, do contexto e da cultura.” (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996, p. 11) Os espaços mentais são parcialmente estruturados por bases de conhecimento relativamente estáveis (os *frames* e os modelos cognitivos Idealizados ou MCIs). A conexão entre espaços mentais se realiza principalmente por mapeamentos de identidade, que conectam um elemento no espaço-base com sua contraparte no espaço-alvo.

Os *construtores de espaços mentais* são mecanismos lingüísticos que abrem um novo espaço ou deslocam o foco para um espaço já existente. Podem ser sintagmas preposicionais, advérbios, conectivos, anguladores, etc. Na sentença *No filme Titanic, Leonardo DiCaprio morre*, o sintagma preposicional “no filme *Titanic*” cria um espaço mental de drama (peças teatrais, filmes e afins). No espaço-base, o espaço de realidade, Leonardo DiCaprio é um ator. O ator não morreu; quem morreu foi Jack Dawson, seu personagem no filme. O espaço de realidade e o espaço de drama são conectados por um *link* de identidade entre Leonardo DiCaprio e seu personagem, isto é, entre um elemento do espaço-base e sua contraparte no espaço-alvo.

Todo esse processo cognitivo é possível devido ao princípio de acesso (ou princípio de identificação), o qual regula a relação entre uma entidade (= alvo) e a forma lingüística utilizada para se referir a ela (= gatilho). Em outras palavras, a forma lingüística empregada para nomear uma entidade do domínio-base deve permitir o acesso a uma entidade no domínio-alvo. O nome Leonardo DiCaprio permite o acesso a seu personagem no filme *Titanic*. Essa relação de identidade está representada na Fig. 1.

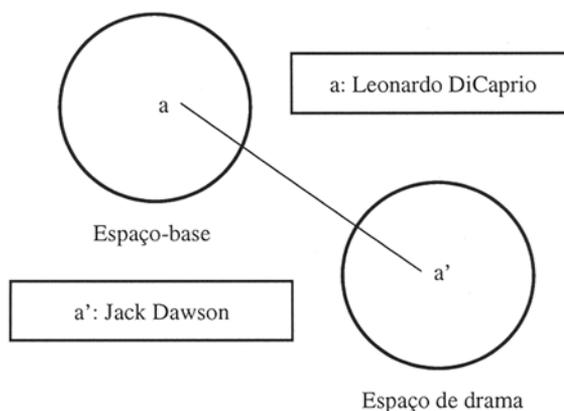


Figura 1 – Link de identidade entre **a** (Leonardo DiCaprio) e sua contraparte **a'** (Jack Dawson)

A estrutura interna do espaço-alvo é representada por um valor mnemônico (escrito em letras maiúsculas) referente à cena experiencial evocada pelo verbo + seu(s) participante(s). No caso do exemplo visto anteriormente, a notação seria *MORTE a'*.

Além do espaço de drama, é possível construir espaços mentais de tempo, de lugar, de crença, de hipótese, de contra-factualidade, entre outros. Sob esse prisma, o significado da forma lingüística é escasso, na medida em que o significado é resultado de complexas operações cognitivas de mapeamentos entre espaços mentais.

À medida que o discurso se desdobra, é criada uma rede de espaços mentais através da qual os participantes do discurso metaforicamente se movem. Esse deslocamento é determinado por três conceitos-chave: base (espaço que fornece um Ponto-de-vista e um Foco iniciais), ponto de vista (espaço a partir do qual outros podem ser acessados ou criados) e foco (espaço no qual estruturas estão sendo adicionadas) (FAUCONNIER; SWEET-SER, 1996, p. 12; FAUCONNIER, 1997, p. 38, p. 49).

A teoria obtém avanços importantes a partir da “descoberta” de uma operação cognitiva básica do homem, que governa uma parte da criatividade (produção de novos *links*, novas configurações e novos significados e conceitos correspondentes) e que depende dos mapeamentos cognitivos entre espaços mentais: a *mesclagem conceptual*. (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002)

A mesclagem opera sobre dois espaços mentais: *input* I_1 e I_2 , sob as seguintes condições:

- (a) Mapeamento entre espaços – Há um mapeamento parcial de contrapartes entre os dois espaços *input*.
- (b) Espaço genérico – Há um espaço genérico, que mapeia em cada espaço *input*. Esse espaço genérico reflete a estrutura e a organização (comuns e abstratas) partilhadas pelos espaços *input* e define o mapeamento central entre os espaços.
- (c) Mescla – Os *inputs* I_1 e I_2 são parcialmente projetados em um novo espaço, a mescla.
- (d) Estrutura emergente – A mescla tem uma estrutura emergente que não é fornecida pelos espaços *input*. Isso ocorre de três maneiras inter-relacionadas:
 - (1) Composição: Em conjunto, as projeções dos *inputs* criam novas relações, inexistentes nos *inputs* separados.
 - (2) Completamento: O conhecimento dos *frames*, modelos cognitivos e culturais permite que a estrutura compósita projetada na mescla pelos *inputs* seja vista como uma parte da estrutura mais complexa contida na mescla. O padrão na mescla ativado pelas estruturas herdadas é “completado” na estrutura emergente, mais complexa.
 - (3) Elaboração: Consiste na tarefa cognitiva realizada dentro da mescla, de acordo com sua própria lógica emergente. Em outras palavras, consiste em “operar a mescla”.

Portanto, as características centrais da mesclagem são o mapeamento entre espaços mentais, a projeção parcial dos *inputs*, o espaço genérico, a integração de eventos ou entidades, e a estrutura emergente. (FAUCONNIER, 1997, p. 157)

Considere-se o exemplo da *corrida de barcos* (cf. FAUCONNIER, 1997, p. 155; FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 63), que envolve um barco à vela moderno *Great America II* viajando de São Francisco à Boston em 1993, sendo comparado a um barco à vela antigo *Northern Light*, que fez a mesma viagem em 1853. Poucos dias antes do *Great America II* chegar a Boston, observadores podiam dizer: *Neste ponto da viagem, o Great America II está 4,5 dias mais adiantado que o Northern Light*. A expressão “mais adiantado que” coloca ambos os barcos viajando no mesmo curso durante o mesmo período de tempo em 1993. Ela mescla os eventos de 1853 e de 1993 em um único evento. Há um mapeamento entre espaços que conecta as duas trajetórias, os dois barcos, os dois períodos de tempo, as posições no curso, etc. A projeção dos *inputs* na mescla é parcial: a data de 1853, as condições do tempo em 1853 e o motivo da viagem são desprezados. Devido à estrutura emergente do espaço mescla, os dois barcos podem ser comparados, de modo que um pode estar “mais adiantado que” o outro. Essa estrutura de dois barcos viajando na mesma direção, no mesmo curso, partindo de São Francisco no mesmo dia, evoca um *frame* cultural familiar: uma *corrida*. Isso fornece uma estrutura emergente adicional por *completamento*. Uma importante propriedade do *frame* de corrida é seu valor emocional, que pode ser projetado para o espaço *input* do *Great America II*,

cuja tripulação pode experienciar as emoções de uma competição. Além disso, inferências a partir da mescla podem retornar aos *inputs*: as velocidades e posições dos dois barcos em suas respectivas viagens, separadas por 140 anos. (cf. Fig. 2)

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 92), através da mesclagem, uma gama de informações sofre *compressão*, definida como um mecanismo conceptual que promove *insight* global, entendimento em escala humana e novo significado.

A compressão opera sobre relações vitais, isto é, relações conceptuais básicas, que se baseiam na neurobiologia humana e na experiência social compartilhada. Há 15 relações vitais, a saber: Mudança, Identidade, Tempo, Espaço, Causa-Efeito, Parte-Todo, Representação, Papel, Analogia, Desanalogia, Propriedade, Similaridade, Categoria, Intencionalidade e Unicidade. Uma relação pode ser comprimida em uma versão mais curta dela mesma, uma ou mais relações podem ser comprimidas em outra relação, ou novas relações comprimidas podem ser criadas. No exemplo da *corrida de barcos*, o Tempo é comprimido em simultaneidade e a Intencionalidade (do *Great America II*) é comprimida em intencionalidade consciente por parte das tripulações de ambos os barcos.

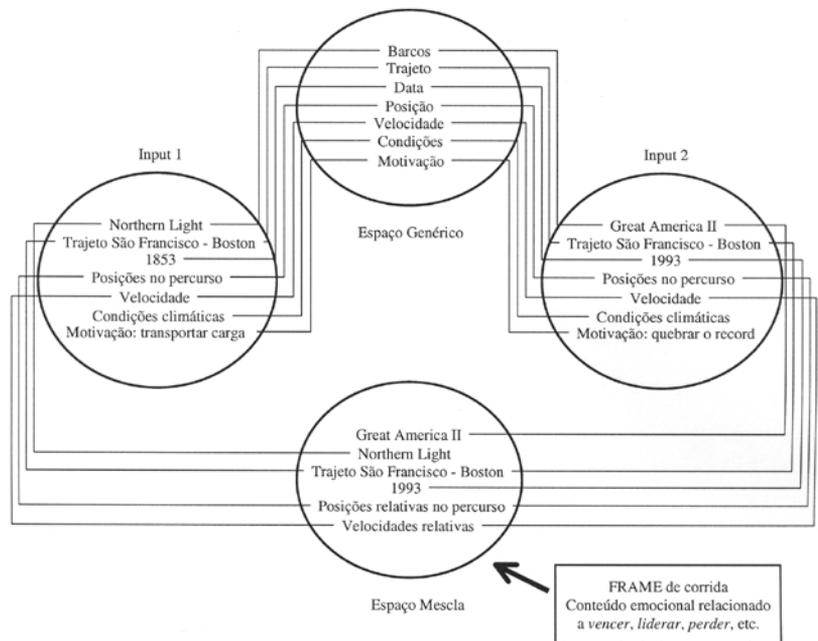


Figura 2 – Rede de mesclagem da corrida dos barcos

Em síntese, a mesclagem opera a integração de estruturas parciais de dois espaços mentais separados em uma estrutura única com propriedades emergentes dentro de um espaço mescla, cuja estrutura é tipicamente mais rica que as estruturas dos espaços *input*.

4. Análise de exemplos

Tendo em vista que o conceito de *mesclagem conceptual* constitui instrumental teórico recente e apurado para explicar a construção do significado, e que o objetivo deste artigo é verificar o papel que a mesclagem conceptual desempenha na construção do significado do angulador *um tipo de*, o primeiro exemplo analisado será a clássica sentença *A baleia é um tipo de peixe*.

Para construir o significado dessa sentença, é realizada a mesclagem de dois espaços mentais *input*: no primeiro, há a entidade 'baleia' com suas propriedades específicas e, no segundo, a categoria 'peixe' com suas propriedades definitórias. O espaço genérico define o mapeamento entre os espaços *input*, conectando as propriedades da baleia e as propriedades dos peixes (ou da categoria 'peixe'). A projeção para o espaço mescla é seletiva: a entidade 'baleia', a categoria 'peixe' e algumas de suas propriedades, as quais são partilhadas pela baleia (vertebrado, *habitat* aquático, locomoção por nadadeiras e forma hidrodinâmica), são projetadas para a mescla. A mescla tem estrutura emergente própria, permitindo que a 'baleia' seja incluída na categoria 'peixe', na medida em que a categoria tem suas fronteiras flexibilizadas, focando apenas propriedades periféricas. (cf. Fig. 3)

A baleia e os peixes são análogos em alguns aspectos e desanálogos em outros. Na mescla, as Analogias entre a entidade 'baleia' e a categoria 'peixe' são comprimidas em Similaridade (conecta elementos com propriedades partilhadas). A Similaridade é comprimida em Categoria, pois uma categoria é definida por propriedades comuns e partilhadas entre seus membros. A categoria criada na mescla é uma flexibilização da categoria existente no espaço *input* 2. A mescla se mantém solidamente conectada aos espaços *input*, de modo que as Desanalogias entre a entidade 'baleia' e a categoria 'peixe' ainda estão presentes na sentença *A baleia é um tipo de peixe*. Essa sentença difere de *A baleia é um peixe*, que é simplesmente falsa. Até mesmo uma pessoa ciente de que a baleia é um mamífero cetáceo pode produzir a sentença *A baleia é um tipo de peixe*, pois o angulador *um tipo de* suspende as condições de verdade do enunciado. Isso constitui apenas uma forma de definir, de modo simples e inexato, uma entidade ('baleia') em termos de uma categoria conhecida ('peixe'), tendo em vista suas propriedades conhecidas pelo senso comum. Entretanto, uma pessoa que desconhece a que classe a baleia pertence pode afirmar que *A baleia é um peixe*, da mesma maneira que pode afirmar que *A baleia é um tipo de peixe*, *A sardinha é um tipo de peixe*, *A corvina é um tipo de peixe*, etc. Nesse caso, *um tipo de* não é angulador e seu significado corresponde a uma forma de exemplificar a categoria (*tipo* equivale a *exemplo*).

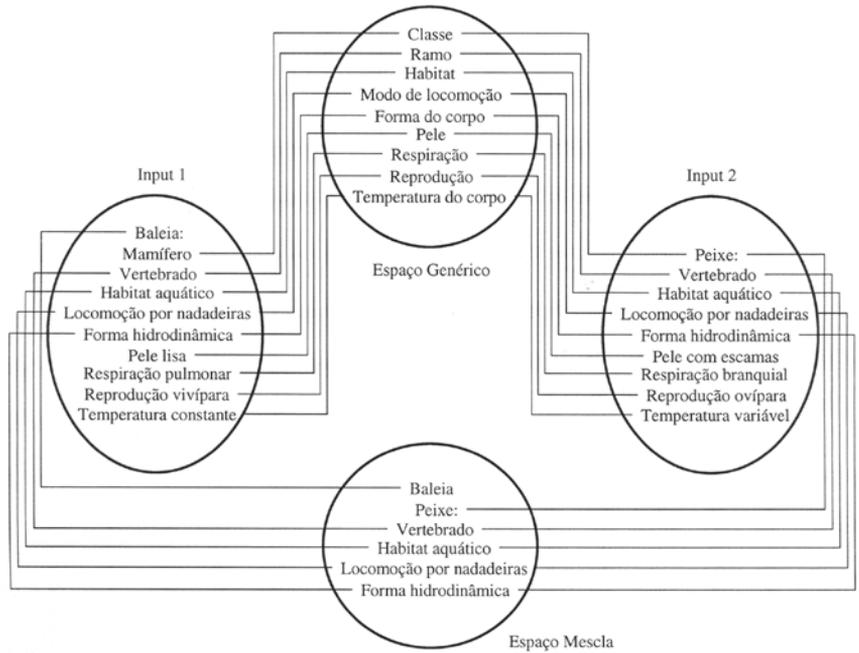


Figura 3 – Rede de mesclagem de “A baleia é um tipo de peixe”

Sendo assim, o angulador *um tipo de* nos incita a realizar uma mesclagem, através da qual é construído o significado da sentença: a flexibilização da fronteira categorial. Considerando que *um tipo de* suspende as condições de verdade do enunciado, ele é freqüentemente empregado para reduzir o comprometimento do falante/escritor com a verdade (ou falsidade) do enunciado, a fim de preservar a face nas interações verbais.

Como o exemplo 1, a sentença *O órgão é um tipo de piano* também promove mescla conceptual. Há dois espaços mentais *input*: no primeiro, há a entidade ‘órgão’ com suas propriedades específicas e, no segundo, a entidade ‘piano’ com suas propriedades específicas. No espaço genérico, há um mapeamento entre os espaços *input*, conectando as propriedades do órgão e as propriedades do piano. No espaço mescla, são projetadas seletivamente: a entidade ‘órgão’, a entidade ‘piano’ e algumas de suas propriedades, as quais são partilhadas pelo órgão (instrumento musical dotado de teclas). A mescla tem estrutura emergente própria, permitindo que a entidade ‘órgão’ seja definida em termos da entidade ‘piano’, que é o membro mais prototípico da categoria ‘instrumento musical dotado de teclas’, de acordo com o senso comum. Dessa forma, o angulador *um tipo de* flexibiliza as fronteiras expressivas do ‘piano’ e transforma-o em um hiperônimo de todos os membros da categoria ‘instrumento musical dotado de teclas’, na medida em que focaliza apenas propriedades periféricas. (cf. Fig. 4)

A mesclagem incitada pela sentença *O órgão é um tipo de piano* apresenta os mesmos tipos de compressão realizados pela

sentença *A baleia é um tipo de peixe*, bem como a mesma construção do significado. Portanto, é possível que o angulador *um tipo de* incite sempre o mesmo tipo de mesclagem: mapeamento entre uma entidade e suas propriedades no espaço *input 1* e uma categoria (ou membro mais prototípico de uma categoria) e suas propriedades no espaço *input 2*, sendo projetadas para a mescla a entidade do *input 1* e a categoria (ou membro mais prototípico de uma categoria) do *input 2*, apenas com as propriedades partilhadas entre ambas. Essa mesclagem conceptual é responsável pela construção do significado do angulador *um tipo de*.

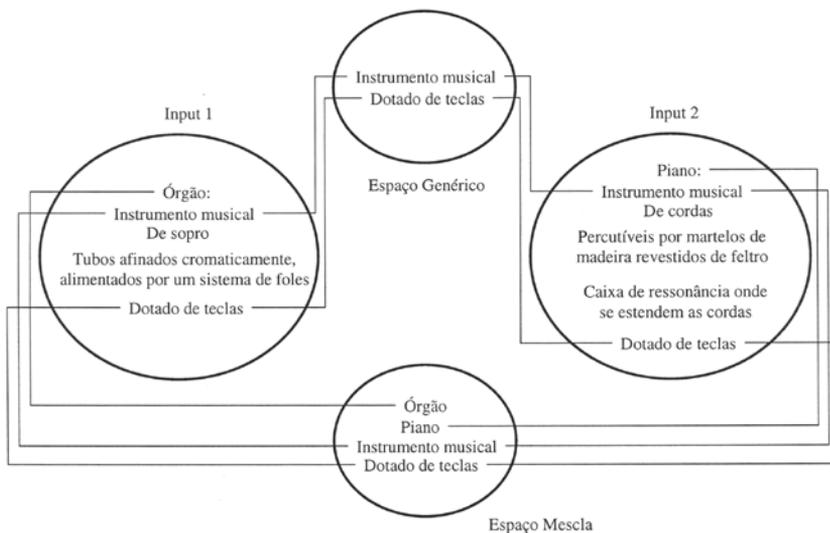


Figura 4 – Rede de mesclagem de “O órgão é um tipo de piano”

Outro exemplo interessante pode ser encontrado no *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, no qual a informante descreve oralmente a cozinha de sua casa.

I: e em cima dessa pia tem... uma/ ah... é um tipo de uma prateleira só que não é uma prateleira... é uma parada bem alta... onde a gente pendura as panelas... tem várias panelas que... minha mãe comprou e que a gente pendura... é prático à beça... (Regina)

Como se pode observar a informante está definindo uma entidade desconhecida, que não sabe conceituar (‘uma parada bem alta’), em termos de uma entidade conhecida pelo senso comum (‘prateleira’), mas adverte que não é uma prateleira. Nesse caso, há dois espaços mentais *input*: no primeiro, há a entidade desconhecida com suas propriedades específicas (sabemos apenas que é alta e serve para pendurar panelas, mas a informante dispõe de mais evidências) e, no segundo, a entidade ‘prateleira’ com suas propriedades específicas. No espaço genérico, há um mapeamento entre os espaços *input*, conectando as propriedades da entidade desconhecida e as propriedades da prateleira. No espaço mescla, são projetadas seletivamente: a entidade desconhecida, a entidade ‘prateleira’ e algumas de suas propriedades,

as quais são partilhadas pela entidade desconhecida (alta, serve para guardar objetos, etc.). A mescla tem estrutura emergente própria, flexibilizando as fronteiras expressivas da 'prateleira' e transformando-a em um hiperônimo de toda espécie de tábua ou estante em que se guardam diferentes objetos.

5. Conclusão

Considerando a mesclagem conceptual uma operação mental básica que determina a construção do significado, este artigo desenvolveu a análise de dois exemplos contendo o angulador *um tipo de*. Em linhas gerais, é possível listar as seguintes conclusões:

- (1) angulador *um tipo de* incita uma mesclagem que envolve dois espaços mentais *input* (uma entidade e uma categoria / membro mais prototípico de uma categoria), um espaço genérico, projeção seletiva para o espaço mescla (a entidade, a categoria / membro mais prototípico de uma categoria e algumas propriedades partilhadas por ambas) e uma mescla com estrutura emergente própria (flexibilização da categoria / hiperonímia);
- (2) Na mescla, as Analogias entre a entidade e a categoria são comprimidas em Similaridade, a Similaridade é comprimida em Categoria, e as Desanalogias entre a entidade e a categoria não são comprimidas.
- (3) O angulador *um tipo de* suspende as condições de verdade do enunciado;
- (4) O angulador *um tipo de* é uma forma de definir, de modo simples e inexato, uma entidade em termos de uma categoria conhecida.
- (5) A construção do significado do angulador *um tipo de* é determinada pela mesclagem conceptual e, em especial, pela estrutura emergente contida na mescla.

Por fim, convém ressaltar que o papel da mesclagem conceptual na construção do significado dos anguladores ainda demanda muito estudo e, portanto, a análise apresentada para o angulador *um tipo de* não pretende ser exaustiva. Outros aspectos desse angulador ficam reservados para trabalhos futuros, bem como a análise de outros anguladores do português.

Abstract

Based on Mental Space Theory, the main purpose of this article is to verify the role that conceptual blending plays in meaning construction of Portuguese hedge um tipo de. Analysing sentences containing that hedge, we conclude that the meaning of um tipo de depends on conceptual blending that it prompts: a cross-space mapping between an input space (entity) and another input space (category/prototype of a category), a generic space, a partial projection to the blend (the entity, the category / prototype of a category and some shared properties) and an emergent structure (flexible category / hyperonymy).

Keywords: hedge um tipo de; conceptual blending; meaning construction.

Referências

- ALMEIDA, M. L. L. *Anguladores: a categoria e sua relação com a modalidade*. Projeto de Pós-doutorado, 2004. Mimeo.
- _____. Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 129-142, jan./jun. 1999.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CLEMEN, G. Hedging in English Journalistic Economics. *Proceedings of the University of Vaasa Reports - Selvityksiä Ja Raportteja* 93, 2002. p. 41-47.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. *Spaces worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FRASER, B. "Hedged Performatives". In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.). *Syntax and semantics*. v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 187-210.
- KAY, P. *Words and the grammar of context*. California: CSLI Publications, 1997.
- LAKOFF, G. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. *Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, [S.l.], 1972. p. 183-228.

MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. Hedging and its linguistic realization in German, English, and Finnish philosophical texts: a case study. In: NORDMANN, M. (Ed.). *Fachsprachliche Miniaturen: Festschrift für Christer Laurén*. Frankfurt am Main et al.: Peter Lang, 1992. p. 121-130.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

PINA, A. A. *Isso é de se pensar: análise de uma construção gramatical do português*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

ROSCH, E. Principles of categorization" In: _____; LLOYD, B. (Ed.). *Cognition and categorization*. Hillsday : Erlbaum Ass, 1978. p. 27-48.

VANDE KOPPLE, W. Some exploratory discourse on metadiscourse. *College Composition and Communication*, [S.l.], v. 36, p. 82-93, 1985.